

Tourada e chuva

Do lado leste da cidade, quem saiu de casa com os primeiros clarões do dia logo percebeu aquela montanha de tralha no terreno, certamente deixada de madrugada por algum caminhão. A notícia se espalhou com grande alegria pela cidade: uma tourada acabava de chegar.

Na mesma manhã ergueram as duas barracas e depois veio o trabalho mais complicado de levantar os dois mastros, cavar os buracos, aprumar os esteios em toda a roda, armar a arquibancada, a arena e a seringa, até o arremate para fechar o conjunto circular típico. O trabalho durou mais de uma semana.

Era uma tourada simples, dessas de cirandar pelas pequenas cidades do interior. Uns panos grossos, amarelados e cansados de uso envolviam toda a superfície lateral. O teto, descoberto, deixava a arena e a arquibancada expostas ao tempo. No alto de cada um dos dois mastros tremulavam bandeiras velhas e coloridas; e aos fundos se deixavam ver as duas barracas: a maior ocupada pela família do dono — ele, a mulher e dois filhos pequenos — e a menor onde se ajeitava o toureiro.

Por isso, na quinta-feira à tarde, quando os trabalhos de armação foram concluídos e a estreia anunciada para o sábado

seguinte, a expectativa incendiou as imaginações. Mas, justo na véspera, o indesejado aconteceu na forma de uma chuvinha pacata tombando insensível sobre a cidade. Porém não haveria de ser nada de sério, não era chuva de persistir: “O tempo deve se acertar a tempo”, conjuravam uns poucos e otimistas filósofos amadores carentes de diversão.

Mas não foi assim, a chuvinha pachorrenta teimou, dias e dias seguidos sem sinais de recuo, apenas intercalando curtas estiagens. E coisa que ninguém poderia imaginar ou desejar era que a chuvinha melancólica se enfezasse de repente. Pois, na tarde de sexta-feira, sete dias depois, como a comemorar uma semana de reinado, os altos das serras azularam, o tempo foi escurecendo, e em menos de cinco minutos destampou a tempestade, trazendo junto uma persistente ventania e redemoinhos inesperados. Telhas das casas voaram longe para os quintais vizinhos, galhos quebrados se desprenderam das ramagens enlouquecidas das árvores, mais de uma hora de fúria líquida, até ir se arrefecendo e estacionar no estado de chuvinha desacorçoada, de tamborilar monótono, e algumas pessoas de guarda-chuva, escadas e botas de borracha puderam sair a campo para recuperar os telhados... Ninguém mais arriscava um palpite sobre a data de estreia da tourada. Era chuva da grossa, chuva da fina, chuva matinal, chuva noturna. Numa tarde despencou uma chuva de pedra furando telhados, derrubando as folhas das árvores e tornando o chão um imenso tapete verde de folhas misturadas à lama, com detalhes de intenso rendilhado de pequenos diamantes brancos e redondos. Mesmo nos curtos estios o céu permanecia tão carrancudo e baixo que enroscava na ponta dos guarda-chuvas e sombrinhas das pessoas que saíam à rua para comprar itens de primeira necessidade, ou iam até a igreja rezar a santa Bárbara.

Aquartelada em ócio forçado, sem espetáculo e bilheteria, a trupe mofava nas barracas. As únicas saídas, nos momentos oportunos, eram para uma corridinha até a venda do Gentil. Tal venda ficava a uns oitenta metros do terreno baldio onde se erguia a tourada, no extremo leste da rua comprida de chão de terra vermelha que atravessava a cidade.

Gentil era o comerciante mais forte do lugar, o maior fornecedor de primeira, segunda e terceira necessidades. Nas prateleiras e depósitos de sua venda, encontrava-se de tudo para o dia a dia: lápis, cadernos, giletes, estojo com seringas e agulhas para uso humano e animal, facas, facões, canivetes, pasta e escovas de dentes, tecidos, brinquedos de madeira, panelas de ferro, caçarolas, frigideiras de alumínio, tachos de cobre, pratos e bules esmaltados, enxadas, foices, machados, alicates, fogareiros, limas, sabão, vassoura, carne-seca, arroz, açúcar, doces, uma variedade de pingas de nomes extravagantes, refrigerantes, chicletes, capilés, groselhas...

Devido a essa proximidade, a venda do Gentil se tornou o sumidouro dos tostões do povo da tourada, tostões investidos nos itens de subsistência: arroz, macarrão, carne-seca, feijão e, também, guloseimas, pé de moleque, quebra-queixos, marias-moles, capilés coloridos — ora, as crianças da tourada também precisavam ser felizes — e ainda os tragos de cachaça para esquentarem a garganta do Cigano, o toureiro, e do Germano, o dono da mambembe empresa de diversão.

Cigano, um homem jovem e bonito, alto e enérgico, tinha cabelos negros como carvão e um bigode matador emendado em frondosas costeletas a azular um rosto varonil. Durante o dia, nos breves estios, sem touro pela frente, ele arriscava seu ócio em desfiles pela cidade, exibindo a saúde de seus músculos. Às vezes, levava a capa vermelha nos ombros, para arrancar suspiros das moças debruçadas nas janelas, desejosas de pu-

lar para a vida na garupa de um cavalo branco conduzido pelo príncipe Cigano. O talismã vermelho, além de servir de adorno nos passeios provocativos às donzelas, também era usado na forma esvoaçante sobre a cabeça, servindo de proteção a alguma poeira de chuva, quando dava sua corridinha na travessia do caminho batido da barraca de solteiro até a venda do Gentil.

O tempo chuvoso e o marasmo terminaram por impor esse ritual cotidiano ao toureiro: durante o dia alguma ronda às janelas das moças; e nas tardes escuras, o corpo sentindo falta das descargas de adrenalina — era muito tempo longe dos touros —, lá ia o Cigano com a capa na cabeça em busca da venda do Gentil para um gole de cachaça e as conversas de fabulação. Ele encostava o umbigo no balcão, pedia sua dose e aproveitava para presentear os fregueses com suas histórias de coragem e perigo. A preferida era a narrativa de destreza quando enfrentou o touro Bufo, na praça de Jacutinga. O touro com o diabo no corpo quase o crucifica nos chifres, não fosse a grossa medalha com a imagem da Virgem Maria, pendurada ao fim de um cordão reluzindo a falso ouro, presente da mãe, e que ele não tirava do pescoço nem para tomar banho. E mostrava os arranhões na imagem provocados pelos chifres do Demônio. Então, o toureiro se movia para o centro do salão, exibindo um sapateado sincopado no assoalho a chamar um touro Bufo imaginário, a capa esticada ao lado do corpo ereto, os movimentos em semicírculo driblando o Diabo sem sair do lugar, exibindo os volteios de mestre que lhe salvaram a vida. Pois eu presenciei a cena.

O lugar era tão pacato que se podia soltar uma criança de cinco anos num intervalo da chuva para buscar, do outro lado da cidadezinha, açúcar, agulhas de costura e meio metro de pano. Minha mãe estava atarefada com suas costuras e faltou tecido para concluir as golas e as mangas de um vestido, e o café amargo não descia. Por isso, sob severas instruções, fui despa-

chado com dinheiro e uma pequena tira de amostra do pano até a venda do Gentil: “E não esqueça do quilo de açúcar; guarda esse dinheiro direito no bolso para não perder; e aproveita a estiagem, quero um pé lá e outro cá”. Foi uma delícia a estirada de mais de um quilômetro até a venda, chapinhando nas poças d’água, patinando na rua enlameada. E já dentro da venda, com as compras em mãos, por conta das cenas imaginárias de tourada do Cigano, lá me entretive demais. Quando, enfim, peguei o caminho de volta, o céu já era um breu e algumas gotas grossas começavam a cair. Encontrei minha mãe no portão, embaixo de um guarda-chuva: “Mas onde você andava, menino do céu? Você, por acaso, foi buscar esse açúcar em Santo Antônio? Já estava indo atrás de você. Não viu a chuva engrossar?”. A mãe estava muito irritada diante do frangote ensopado lhe apresentando os embrulhos de papel meio molhados, o do pano em péssimo estado e o do açúcar já bem desmilinguido. Entramos em casa, ela jogou o embrulho do pano sobre a mesa, foi para a cozinha com o açúcar e eu fui direto para o quarto. Depois ela apareceu com toalha e roupa seca, jogou em cima da cama e soltou ordens enfezadas: “Enxuga bem esse cabelo e o corpo. Veste essa roupa seca, ainda vai ficar doente e me dar trabalho”. Depois se afastou, pisando duro.

Refeito, apareci na sala com passos curtos, encontrei a mãe já debruçada sobre a costura. Seus olhos não eram de paz: “Você não sabia que eu estava atrasada com essa costura, não?”. Mas, com jeitinho e voz doce e submissa intentei acalmá-la, até relatar o episódio do Cigano: dei a ela uma estreia particular da tourada. Fiz um volteio pela sala batendo os calcanhares no assoalho de madeira, imitando as manobras do toureiro evitando os chifres do touro Bufa. Julguei perceber, naquele momento, um pequeno sorriso nos lábios de minha mãe, que não aflorava para não dar o braço a torcer.

Confisco da tourada

Assim se esgotavam os dias e as noites. E a chuva persistia encarnada em senhora da natureza, nada de estreia da tourada, nada de entrar o lucro da bilheteria. De permanente só a enervante monotonia das águas caindo do céu, de volúvel só o dinheiro do “povo da tourada” escoando rápido pelo ralo, até o esgotamento e a consequente necessidade de um solidário Gentil vender fiado, gentileza de comerciante nos aprontos de insidiosa armadilha.

O trânsito entre a venda do Gentil e o acampamento parecia uma correição, formigas atarefadas carregando os provimentos — eram cinco bocas para alimentar. Assim, a dívida aumentou a ponto de Gentil considerar chegado o momento ideal de encenar o segundo ato da tragédia. Chamou o delegado Malvino e se pronunciou: “Não vejo saída, a não ser virar dono dessa tourada”, falseando sua desesperança de receber o pagamento da dívida. “A cidade ganharia uma atração permanente”, argumentava, desfilando benefícios e prometendo a Malvino, como peça final de convicção, a metade da renda das duas primeiras sessões.

O pedido soava como boa música aos ouvidos do delegado, um homem miúdo, de um pouco mais de um metro e meio de al-

tura, imenso de violento, uma cobra com asas. Doze anos antes, tinha chegado do extremo sul, dizem que fugido. Trazia apenas a mãe, mas as notícias vieram logo atrás, contadas por vendedores ambulantes que viajavam por toda a região, relatos de que tinha deixado para trás pelo menos duas mortes e vários filhos abandonados. O forasteiro não demorou a se transformar no homem mais rico das redondezas, dono de mais de vinte mil alqueires de terra, da melhor casa da cidade, de um automóvel pé de bode* e de um posto de gasolina, tudo conquistado pela prática indecente da grilagem de terra. O tubarão invadia as terras dos posseiros com capangas armados, botava fogo nas roças e choupanas e se transformava em proprietário, num tempo de grande confusão fundiária, quando quase ninguém tinha documentos das terras.

Por isso, os pais de Idalina nunca entenderam de onde uma adolescente de quinze anos arrumara coragem para se casar com um homem de quarenta e cinco e com tamanha fama de violento. Idalina era prima de minha mãe, e motivos não lhe faltavam para entrar nesse enlace, fosse ambição por riqueza, fosse pelo desejo de ir embora da tutela dos pais, ou talvez as duas razões misturadas. Logo após o casamento, Malvino foi empossado no cargo honorífico de delegado da cidade e manteve-a a *ordem* com a ajuda de dois soldados.

O delegado, de pronto, acolheu a proposta do Gentil, achou justo o arranjo de tomar a tourada pela dívida. Do seu lado, tinha duas razões: estava de olho na promessa financeira e aproveitaria a oportunidade de exercitar seu desprezo “por esse povinho vagabundo e depravado que vive perambulando de cidade em cidade com touradas”. E o plano foi colocado em marcha. Gentil convocou um menino descalço e encharcado

* Os primeiros automóveis a circular no país. (N.A.)

que passava pela rua e, em troca de uma goiabada, despachou o guri até as barracas levando a convocatória aos devedores: “Que venham os dois: Germano e Cigano!”.

Eles vieram troteando debaixo de chuva miúda: o dono da tourada com um chapéu de feltro de abas largas, o toureiro com a capa vermelha esvoaçando sobre a cabeça. Ao toparem Gentil de rosto crispado e o delegado de revólver à mostra na cintura, sentiram cheiro de encrenca. Cumprimentos em monossílabos de um lado e do outro. Os endividados, em pretensão de desanuviar o ambiente, pediram dois tragos de cachaça. Os copos foram servidos sem palavras. A chuva crescia de vez, uivava com rajadas de vento. Gentil saiu de trás do balcão para fechar as janelas do lado que entrava água. A claridade do salão pouco foi afetada, as janelas do lado oeste continuavam abertas. Gentil sentou-se sobre o tampo de uma mesa e começou com os prelúdios: comentava a insensatez da chuva, falava em tom sombrio, reclamava de não estar chegando nenhum suprimimento encomendado havia mais de um mês.

— Na estrada para Ribeirão do Pinhal só passa carro de boi. Imagina, já subi três vezes pra consertar o telhado — e apontava para cima.

Germano entrou em conversa de amenidades, que isso de telhado, pelo menos, não lhe perturbava:

— Minha barraca é firme, as estacas são fundas no chão e a lona é grossa, pode ventar e chover à vontade. Mas o que me incomoda mesmo é não ter mais roupa para trocar. Lavar até que a mulher resolve, mas cadê o sol para secar? E como secar no ferro a brasa se não tem carvão e a lenha tá sempre molhada?

Malvino, calado, observava empinado em sapatos de verniz manchados de lama e o cabelo espumando de brilhantina. Em passos lentos, o delegado navegava de um lado para o outro de frente o balcão, e de vez em quando tocava na cintura apalpan-

do o revólver. *Povo de tourada* é gente escolada na vida e Germano sabia que a qualquer momento o assunto iria derrapar em drama. E não demorou. O tom de voz de Gentil, raspando nos dentes, abriu a querela:

— Germano, não tenho mais condição de continuar vendendo fiado. Preciso receber agora a dívida. O delegado, aqui presente, tá ciente da situação: eu quero um justo acordo.

— Ora, Gentil, sem espetáculo, você sabe que não tenho como pagar — respondeu Germano em voz subalterna.

— Sei disso, Germano, entendo o seu lado. Mas entenda o meu também. Preciso receber. Não tenho culpa se o tempo firma na terça e chove na quarta, estia na quinta e emenda chover na sexta e no sábado. Mais de um mês e meio e isso se arrastando. Eu não tenho culpa, não sou dono do tempo.

Malvino permanecia calado, continuava em sua dança lenta, de um lado para o outro na beira do balcão, como um galo miúdo de crista levantada.

— O tempo vai melhorar, o tempo vai melhorar — repetia Germano. — Todo mundo tá esperando a estreia, todos querem ver o grande Cigano capear a Ferrugem — falou e estendeu um braço em reverência ao toureiro.

— Que Ferrugem, que nada. Não é assim que a banda toca. A vaca tá lá, debaixo de chuva, pastando e comendo sal nos cochos do Pedro Olímpio. Mas eu não posso ficar sem meu dinheiro.

— Peço só mais um pouco de paciência, Gentil. Vamos ter casa cheia, vai ser uma beleza, toda a cidade nas arquibancadas — implorava o dono da tourada, a voz rastejando de humildade. — Por favor, só mais um pouco de paciência.

— Essa chuarada tá mexendo com os nervos. Nunca se viu um outubro de águas como esse. Parece uma praga do Egito. E vai tombar muita água ainda — grasnou Gentil, em pleno domínio da situação.

Cigano, que até o momento estivera murcho, calado, intercedeu com voz desbotada:

— Uma brutalidade essa chuva, senhor Gentil. Mas garantimos para o senhor a renda inteira do primeiro espetáculo — o toureiro prometia algo fora de sua alçada, apenas para marcar seu lado na disputa.

— Não tenho condições de esperar mais — vociferou Gentil com uma energia indecente, ao mesmo tempo batendo com a mão espalmada em cima da mesa. — Já passa de um mês esse fornecimento. Acabou. Quero receber.

Germano se encolheu, o rosto crispado como se tivesse levado um soco no estômago. O toureiro com o copo vazio na mão e a capa no ombro parecia um pássaro vermelho assustado.

— Estou ciente da situação — entrou Malvino, a voz feito um estrepe magoando. O homenzinho costumava se levantar na ponta dos pés ao exprimir agressividade. — E eu só vejo uma solução: Gentil, você fica com a tourada pelo valor da dívida. E vocês levantem a barraca amanhã e peguem o caminho da estrada — falava e emitia sinais com uma das mãos acariciando a cintura.

— Isso não é possível, por favor, vamos esperar mais uma semana. Tenho mulher e duas crianças na barraca. Como farei sem dinheiro e sem tourada?

A noite descia prematura, violenta, como garras afiadas de um gavião enlouquecido, e Germano saiu para arrumar seus tarefas na barraca, tão transtornado que se esquecera até mesmo de retornar o chapéu à cabeça. Cigano também ia com status de sobrevivente provisório, uma mão depositada no ombro do amigo, em solidariedade levava a capa enrolada no ombro, os dois molhados, indiferentes à chuva que desabava.

O susto do coveiro

No dia seguinte, uma caminhonete recolheu a barraca e os magros pertences de Germano. A pequena família saiu para rumo ignorado. Para trás ficou a tourada montada e, ao lado, a barraca solitária do toureiro. No interesse de limpar logo a área, o dinheiro do frete da caminhonete foi oferta do Gentil, agora empossado em dono, e já a vislumbrar ótimas oportunidades de negócios: manteria a tourada, seria permanente e teria Cigano como a estrela anunciada. O acerto com o toureiro era temporário, ele continuaria comprando fiado e pagaria suas dívidas atuando na estreia e em mais duas sessões. Isso tinha sido decidido no calor do entrevero, e Malvino endossara o acordo. Depois, na continuidade, Gentil revigoraria o empreendimento contratando novos toureiros e promoveria também montaria em cavalos e burros chucros... A cidade com diversão contínua, o céu como limite.

Mas o tempo, senhor absoluto e insensível comandante de destinos, continuou em aguaceiro desarvorado. Bastaram mais duas semanas, após a expropriação da tourada, e Cigano se decidiu pela estrada. Partiu deixando para trás a barraca, um par de botas número 43 em bom estado, um relógio banhado de

falso ouro e a capa vermelha. Em troca, recebia a quitação da dívida e um dinheiro pouco, justo e necessário, para pagar uma passagem de ônibus.

Mas quem entende dos humores da natureza? Dois dias e duas noites depois da partida de Cigano, um sol imenso surpreendeu a cidade, tão intenso que era preciso acostumar os olhos com a claridade. As janelas se escancararam em celebração de estiagem tão linda, e um movimento de formigas abandonando os abrigos, a levarem pares e mais pares de sapatos para secar nos muros e nos gramados, e roupas e mais roupas para serem estendidas ao tempo. A cidade parecia enfeitada para dia de festa, com aquele espetáculo de roupas molhadas e coloridas encurvando os varais.

E não seria o caso de oferecer uma sessão de tourada já naquele fim de semana? A ideia sedutora se insinuou na mente gulosa de Gentil; a bilheteria seria fantástica, a cidade estava ávida, necessitada de romper a melancolia da longa temporada de chuvas. Seria o caso de correr atrás de Cigano? As notícias eram contraditórias, uns garantiam tê-lo visto entrar num ônibus para Ibaiti e outros que montara na carroceria de um caminhão.

A tarde desmaia em apoteose, abrindo as portas da noite. Cipriano Sombra, o homem responsável por enterrar as pessoas no cemitério, acaba de esvaziar seu primeiro copo de cachaça de um só gole — era seu jeito brusco de começar a rotina em sua maratona de poucas variações. Dessa vez sua largada está sendo dada na venda do Gentil, e talvez fique por ali noite adentro, como acontece muitas vezes, ou talvez tome alguns copos expeditos encostado no balcão, depois estique uma boa ronda pelos bares da cidade e encerre seu périplo altas horas da noite, totalmente embriagado no extremo oeste da longa rua, no bar

do Galdino, onde deve estar rolando um animado jogo de truco. Mas nada de pressa, a noite ainda engatinha, e Cipriano Sombra bate o copo vazio no balcão.

— Que *nação* de pinga é essa, Gentil? Parece um coice de mula. Bota mais uma dose!

E quando a bebida está sendo servida, junto da música do líquido caindo no copo, Cipriano Sombra ouve na voz do próprio Gentil a agradável notícia da estreia da tourada. E reage excitado com a novidade:

— Já não é fora de tempo, Gentil, a madeira dessa tourada quase apodreceu na chuva.

— Sim, é verdade, essa chubarada foi castigo demais. Mas a tourada tá em perfeito estado, pode ficar tranquilo que nenhum boi vai arrombar a arena e botar o povo pra correr, como já aconteceu mais de uma vez por aqui. — Faz uma pausa e suspira, antes de completar: — É isso. Tá decidido. Depois de amanhã o chão vai tremer.

— Mas, Gentil, de que *nação* vem mesmo o seu toureiro? — indaga curioso o coveiro, em lampejo de lucidez.

— Você tá na frente do toureiro — responde o comerciante, sem esconder uma imodesta empáfia. E enche de novo o copo que bate no balcão.

— Você, toureiro? Nossa, homem, isso é prelúdio de defunto. Vai me dar trabalho de abrir cova, homem! Mas, como assim, Gentil, você nem mesmo sabe quantas pontas de chifre tem um touro — pondera espantado Cipriano Sombra, esvaziando de golpe o terceiro copo de cachaça. E no meio da careta solta uma despudorada gargalhada, dentes reluzentes, atingindo os brios do candidato a toureiro.

— Não tenho medo de touro. Já fui vaqueiro de lidas em invernadas. Toquei muita boiada nos meus dezoitos anos. Só depois resolvi ser comerciante. Lidar com boi é como andar de

bicicleta, não se esquece. Minha capa vermelha já tá preparada, passada e engomada.

E nesse momento Cipriano Sombra percebe a capa confiscada do Cigano, em destaque, pendurada num prego da prateleira.

— E a *nação* dos touros, vem de onde? — indaga o coveiro atônito, de olhos estreitos e dançantes, brilhando de incrédula curiosidade.

— Do lugar de sempre, do Pedro Olímpio — responde Gentil solícito, servindo mais cachaça no copo, de novo vazio. E, enquanto Cipriano Sombra faz o movimento de suspender o copo e levá-lo à boca, Gentil ainda acrescenta afetando displicência: — E, se quer saber mais, no meio dos touros eu faço questão de trazer a Ferrugem.

No ouvido bom do coveiro martela o nome Ferrugem, no exato instante em que ele sorve de um só gole a cachaça. Ferrugem, o maior pesadelo de todos os mestres de capa vermelha que pisaram naquele lugar, o Cinzas. Cipriano Sombra solta um riso miúdo e nervoso, quase um guincho, o suficiente para a pinga voltar espirrada pra cima do balcão, obrigando Gentil a fazer um recuo, evitando ser atingido. O coveiro demora ainda um segundo para se recuperar do baque e declarar:

— Homem, a Ferrugem vai botar suas tripas pra fora, não perco essa por nada no mundo! — E uma gargalhada encharcada de zombaria balança as garrafas nas prateleiras.

Cipriano Sombra apoia a mão esquerda no balcão em garantia de equilíbrio, se espicha em pose solene, a mão direita tira do bolso uma nota suficiente para cobrir a despesa, nem se desculpa, nem espera o troco, nem se despede, sai atrapalhado, quase desaba ao transpor a porta. Fora do bar, as casas e os postes dançam quando o homem que enterra as pessoas no cemitério se apruma rua abaixo, para dentro da noite, preenchendo o mundo, para espalhar a assombrosa notícia.

Quem tem medo da Ferrugem?

As arquibancadas rebentavam sob o peso de um mar de gente excitada, muitas crianças, inclusive as mais crescidas, estavam sentadas nos colos dos pais; muitos homens, em pé, rodeavam a cerca do picadeiro pelo lado de fora. Uma profusão de sombrinhas coloridas, protegendo as cabeças das moças e senhoras do sol forte, conferia um toque de festa pagã à tão aguardada estreia da tourada. Não havia mais lugar nem mesmo para um alfinete.

Lá embaixo, no círculo interno, Gentil se apresentava confiante, de corpo espichado. Era um homem alto e forte, com menos de quarenta anos, e de vez em quando volteava a capa vermelha em torno do corpo, em movimentos típicos de enfrentar um touro imaginário. Os gestos de aquecimento do estreante agitavam ainda mais a plateia.

Naquela tarde meu pai vestia camisa branca e calça azul-clara, minha mãe estava tão bonita em um vestido comprido, amarelo, com seus longos cabelos negros reluzindo ao sol. Hoje vejo a absurda temeridade da presença de minha mãe em um espetáculo tão bárbaro, sua barriga já estava bem crescida. Eu calçava botinhas com meias até o joelho e trajava calças curtas

de domingo com suspensórios. Aos cinco anos, era a primeira vez que eu assistia a uma tourada e estar sentado entre meus pais aliviava um pouco o medo.

Os animais vinham sempre da fazenda do Pedro Olímpio, cujos limites emendavam com a cidade. A aludida vaca Ferrugem, a pérola venenosa do plantel, podia ser sentida em movimentos nervosos no cercado de contenção. Era uma vaca de pelo branco encardido, salpicado por pintinhas vermelhas e pretas, justificando seu nome. Em seus quinhentos quilos sobre quatro patas, a massa feroz já tinha esfolado alguns toureiros experientes e, por isso, funcionava como espécie de garota propaganda: era anunciar a presença da vaca Ferrugem e as arquibancadas apinhavam de gente. Afinal, tourada é emoção, é adrenalina. Quem não quer ver um toureiro em apuros?

A seringa foi aberta e saiu o primeiro animal espantado, corria em círculos e berrava com o rabo levantado. Caramba, era um bezerro bem crescido perseguido pelo toureiro com a capa desfraldada, em uma confusa tentativa de executar as peças da coreografia. Tentou mesmo fazer *o pega** mas nada do animal entender o seu papel. Ao lado do meu pai, um espectador disparou um comentário mordaz: “É um bezerro criança, ainda precisa comer muito capim e lamber muito sal para ser touro. Nem sabe berrar direito”. E continuaram as correrias desajeitadas, de um lado para o outro, berros e sapateios, e Gentil dispensou o animalzinho.

Na próxima atração entrou em cena uma vaca, mais assustada que raivosa. O mesmo espectador ao lado voltou a comentar, pedindo a atenção do meu pai: “Veja a esperteza, seu Zé Branco, já tirei leite dessa vaca. Atende por Barrosa. É bicho

* Expressão popular para uma cena de alta dramaticidade nas antigas touradas brasileiras, grafada no masculino.

perigoso só quando tá de cria nova”. Meu pai não duvidou, era sabido que o sujeito trabalhava na fazenda do Pedro Olímpio. E, mergulhada no alarido de assobios e incentivos do público, Barrosa urrava estressada, cavava o chão com os cascos e logo partia furiosa para cima do Gentil. Mas era arranque desnorteado, a vaca parecia não ter em mira nem a capa nem o toureiro, e logo empacou no canto da arena. Nada de sair do lugar. Só urrava de maneira cavernosa. Homens mais ousados, daqueles que assistiam à tourada encostados na arena pelo lado de fora, cutucaram a vaca, torceram-lhe o rabo, mas nada de resultado, o animal apenas escoiceava, urrava e ficava cavando o chão. “Já pode tirar leite, a vaca é mansa!”, gritou o sujeito falante ao nosso lado, arrancando algumas risadas no entorno. A decepção atraição foi retirada da cena.

O espetáculo estava fraco, mas a visão da Ferrugem encarcerada na seringa mantinha os ânimos em delírio, a plateia aguardava pelo grande momento da tarde. “Solta logo a Diaba”, gritou alguém. E o entusiasmo do público disparou, e muitas vozes explodiram ao longo das arquibancadas reforçando o refrão: “Solta a Diaba! Solta a Ferrugem!”. Lá embaixo Gentil parecia hipnotizado sob o estrondo dos gritos e o estardalhaço provocado pelos choques da fera na madeira da seringa. Como uma sinfonia louca, os mugidos roucos da garganta da Diaba descontrolavam as emoções. O homem, antes destemido, parecia um espantalho espetado no meio do picadeiro. E, ao invés do esperado comando para soltar a vaca, jogou a capa ao ombro, virou-se para as arquibancadas e, alçando a voz acima da massa de barulho, decretou o encerramento da sessão. Justificava dizendo que o chão ainda estava liso — e para comprovar riscava com a ponta da bota o terreno — e reclamava de não possuir nem mesmo capas para os chifres da Ferrugem — as capas de borracha dupla, essa espécie de luvas que se vestem

nos chifres para oferecer uma mínima proteção, no caso de o animal atingir o toureiro.

A frustração desencadeou uma onda de protesto, gritos que aumentavam ainda mais o nervosismo da vaca encarcerada no exíguo cercado, provocando uma sequência brutal de urros e embates contra a cerca. Gentil gritava, sem sucesso, tentando acalmar o público: “Ferrugem vem no próximo sábado! Deixa o tempo firmar mais. Com o chão bem seco vai ter tourada completa!”. Mas uma vaia mais poderosa explodiu, e da massa de alarido sobressaíam gritos acusadores, “mentiroso, medroso, patife” e mais umas tantas contas de um rosário de palavras impublicáveis; Cipriano Sombra, duas fileiras abaixo, bêbado, entrava no coro dos descontentes: “Vai lá, Gentil, você não disse que sabia andar de bicicleta? Enfrenta a Ferrugem, homem. Amanhã tem enterro!”. E uma gargalhada sinistra do coveiro reverberava na confusão; os gritos das pessoas nada de se aplacar, exigiam o dinheiro de volta e Cipriano Sombra voltava à carga em altos brados: “Já vi muitas coisas com a Ferrugem, mas é a primeira vez que o toureiro caga nas calças!”. Confusão da grossa, o barco à deriva, as sombrinhas se chocavam, chapéus eram lançados para o alto. E foi aí, nesse torvelinho, que o homem solitário e espigado no centro do picadeiro encontrou forças para empinar o queixo e vociferar ao seu público: “Não tem condições de continuar a tourada! Ninguém vê que o chão tá ensaboado demais?! E a Ferrugem é uma vaca perigosa, ainda mais sem capa nos chifres!”. O tom entre o dramático e o patético teve o mérito de impor um momentâneo silêncio nas arquibancadas. E, em clara pretensão de lavar sua honra e encerrar o assunto, Gentil lançou o desafio: “Mas se tiver algum homem de coragem, algum homem capaz de enfrentar a Ferrugem aqui nesse chão liso, esse macho desça aqui no picadeiro!”.

Ao oferecer em gestos teatrais a capa vermelha estendida, Gentil lançava sua última cartada, provocando um possível louco que se decidisse a entrar na arena. O impacto da alfinetada teve o mérito de impor quase dois segundos de novo silêncio, mas logo se renovaram as vaías, os assobios e os gritos. Gentil se encorajou, aumentou a aposta, gritou por cima da algazarra: “Digo mais: para quem entrar aqui e sair vivo, eu dou a metade da renda!”. E de novo estendeu o braço, oferecendo o pano vermelho. De novo profundo silêncio em lapso de meio segundo, um tempo para Gentil, de cabeça erguida, exibir um sorriso de vitória, antes de ser sacudido pelo grito lançado do alto da arquibancada:

— O homem tá aqui! Soltem essa Diaba!